

RESENHA BIBLIOGRÁFICA (*).

REVUE D'HISTOIRE DES SCIENCES (órgão da secção de História das Ciências do *Centre International de Synthèse*. T. VI, n.º 3). Presses Universitaires de France. Paris. 1953.

Este número da *Revue d'Histoire des Sciences* traz variada colaboração e documentação. Do sumário, destacamos o seguinte: Jean Jacquot — *Humanisme et science dans l'Angleterre élizabéthaine: l'oeuvre de Thomas Blundeville*; François Rostand — *Schopenhauer et les démonstrations mathématiques*; Paul Rossier — *Coup d'oeil sur l'histoire des sciences exactes à Genève*; Pierre Astruc — *Rabelais botanique, anatomiste et physiologiste*; Louis Chauvois — *A propos du IVe centenaire de la mort de Michel Servet. Sa place dans l'histoire de l'anatomie*. Na parte de documentação aparece interessante bibliografia sobre a história das ciências do período que se estende desde a publicação da *Encyclopédia* até as primeiras décadas do século XIX. Na parte relativa às resenhas críticas, há o seguinte: artigo de B. Rochot sobre o livro de Pierre Humbert — *Philosophes et savants*; de R. Taton sobre o livro de S. Timpanaro — *Scritti di storia e critica della scienza*; de E. Dijksterhuis sobre o livro de Karl Brandi — *Geschichte der Geschichtswissenschaft*; de Melle Suzanne Delorme sobre o livro de Dorothéa Waley Singer — *Giordano Bruno. His life and Thought*, etc.

J. CRUZ COSTA.

*

O DOUTOR ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA. Documentos coligidos e prefaciados por Américo Pires de Lima. Agência Geral de Ultramar. Lisboa, 1953. 430 págs.

Alexandre Rodrigues Ferreira foi um dos mais notáveis exploradores do interior brasileiro, já tendo merecido de alguns estudiosos de nosso passado estudos biográficos de valor, entre os quais é justo citar os de Carlos França, em Portugal e o de Vergílio Corrêa Filho, no Brasil. No entanto, ainda existem lacunas e pontos obscuros na vida e obras do grande viajante. Por isso, tudo quanto seja para preencher essas lacunas e esclarecer os pontos ainda obscuros, deve ser considerado do mais alto interesse cultural. Foi pensando assim, que o Sr. Américo Pires de Lima reuniu em um belo volume, há pouco publicado pela Agência Geral do Ultramar, de Lisboa, nada menos de 135 documentos existentes no Arquivo Histórico Ultramarino (antigo Arquivo Histórico Colonial de Lisboa), todos referentes à vida do explorador ou à missão que realizou nos sertões

(*) — Solicitamos dos Srs. Autores e Editôres a remessa de suas publicações para a competente crítica bibliográfica (E. Simões de Paula).

do Brasil. Aliás, convém relembrar, rapidamente os marcos principais dessa missão, na qual percorreu, pela Amazônia, cerca de 40.000 quilômetros, enfrentando as maiores dificuldades em regiões tão inóspitas. Chegando a Belém do Pará em 21 de outubro de 1783, embarcou para o Rio Negro a 19 de setembro de 1784, alcançando Barcelos a 2 de março do ano seguinte. Explorou o Rio Negro até janeiro de 1786, fazendo, desta viagem sete “participações” a João Pereira Caldas, governador da Capitania, nas quais tratou, principalmente, de questões agrícolas e administrativas; êstes relatórios foram publicados pelo Instituto Histórico Brasileiro em sua excelente Revista. A 27 de agosto de 1788 encetou a segunda parte de sua missão, partindo para Vila Bela, no Guaporé, onde chegou a 3 de outubro de 1789, após mais de um ano de jornada. Foi, certamente, esta a parte mais trabalhosa e perigosa de sua monumental *Viagem filosófica*. De volta a Portugal, chegou a Lisboa em janeiro de 1793.

A maior parte dos documentos divulgados no volume que estamos noticiando refere-se ao período ativo da Expedição, nos dez anos que decorrem de 1783 a 1792. De 1793 a 1795, não há nenhum. De 1796 a 1802, há 28 documentos, que nos elucidam um pouco sobre a atividade de Alexandre Rodrigues Ferreira em Lisboa. Daí em diante, até a sua morte, em 1815, quase nada.

“Uma coisa que salta à vista, a quem percorrer êstes documentos, é o extraordinário zelo, demonstrado pelo alto funcionalismo do Brasil, na satisfação das necessidades da Expedição. Isso prova a transcendente importância que lhe ligava o Poder Central, e a pressão por êle exercida sobre os capitães gerais do Brasil. Sempre o Dr. Alexandre foi tratado com a maior consideração, e alvo das maiores atenções. Isso era devido, em parte, às credenciais que levava; mas, também, em boa parte, às suas qualidades pessoais. Alguns atritos se levantaram, com aborrecimentos mútuos. Mas, ao fim e ao cabo, por onde passou, o Dr. Alexandre deixou um rasto de simpatia e respeito” (pág. 20).

Um grande vácuo existe na vida do grande explorador, que os seus biógrafos só parcialmente e, em parte conjecturalmente, têm conseguido preencher: a extraordinária desproporção entre os colossais esforços dispendidos, e os resultados científicos finalmente alcançados, isto é, a inutilização quase total de sua obra. Alguns dos documentos publicados pela Agência do Ultramar esclarecem os motivos do descalabro das coleções levadas para Portugal.

A obra que empreendeu era excessivamente grande para um homem só. “Ainda que não se tivessem dado a requisição de Junot, as malfetorias reais ou imaginárias de Vandelli ou de outro estrangeiro, nunca as imensas e variadas coleções obtidas pelo Dr. Alexandre poderiam ser estudadas por êle só, por maior que fôsse a sua capacidade de trabalho, mais vastos os seus conhecimentos, mais dilatada a sua vida. Exemplos nacionais e estrangeiros demonstraram à evidência tal impossibilidade. A esta distância, é difícil, inútil e arriscado apontar os culpados, deslindar as responsabilidades, fazer recriminações. O que é possível e justo é aproveitar e valorizar os restos ainda opulentos da obra do Dr. Alexandre, dando publicidade ao muito que ainda existe, inédito, em bibliotecas e museus de Portugal e do Brasil. Isso seria uma justíssima, embora tardia reparação das infelicidades que perseguiram o insigne explorador, e das injustiças perpetradas contra a sua memória” (pág. 36).

Se assim pensou, melhor o fez. O trabalho ora publicado pelo Sr. Américo Pires de Lima em edição da Agência Geral do Ultra-

mar, vem contribuir de maneira eficaz para enriquecer o patrimônio científico de Portugal e do Brasil, entre os quais o Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira é um brilhante traço de união, e não um pomo de discórdia como têm pretendido certos espíritos menos esclarecidos.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

*

QUINTAS (Amaro). — *Notícias e Anúncios de Jornal*. Prefácio de Gilberto Freyre. Edição do Departamento de Documentação e Cultura da Prefeitura Municipal do Recife. s-d. 27 páginas.

Já aqui tivemos ocasião de nos referir, mais de uma vez, aos interessantes trabalhos do Prof. Amaro Quintas. Publica agora, o ilustre professor de História, da Universidade do Recife, um opúsculo sobre *Notícias e Anúncios de Jornal*.

Gilberto Freyre, no prefácio a este trabalho diz que “a verdade é que os anúncios de jornal, as notícias e os brasileiríssimos *a-pedidos* se prestam a toda uma série de ensaios de interpretação do caráter e da cultura — cultura no sentido sociológico — do homem brasileiro” (pp. 7-8). Quem já tenha procurado estudar, principalmente a segunda parte da vida histórica do Império e as duas primeiras décadas do período republicano no Brasil, bem sabe quanta razão tem Gilberto Freyre na sua afirmação. E’ nas notas, nos comentários, nos “brasiliríssimos” *a-pedidos* que melhor se surpreende esse rico *sentido do cotidiano* da História a que se refere Gilberto Freyre.

Foi da Coleção de Jornais que se encontra na Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco, sob a guarda inteligente de um estudioso modesto como é o Sr. Francisco Caheté, que o Prof. Amaro Quintas recolheu alguns anúncios e notícias que se encontram no seu interessante opúsculo. No *Sete de Setembro*, no *Carapuceiro*, na *Ratoeira*, no *Hum dos Cinco Mil*, no *Bezerro de Pera*, no *Votante de São José*, no *Papa-Angú*, na *Barca de São Pedro*, assim como no *Diário de Pernambuco* e no *Diário Novo* encontra-se material copioso para o estudo do que foi, no século passado, a vida pernambucana, nas suas tricas políticas, nas suas agitações populares, nas suas idéias, nas suas festas e nas suas aventuras sentimentais.

No *Nazareno*, de Borges da Fonseca, de 14 de junho de 1848, encontra-se este trecho que, pela sua linguagem, revela quais as idéias do ilustre paraibano. “No dia 11, pelas 8 horas da manhã, na rua da cadeia desta cidade, foi um menino, filho de um pobre, esmagado debaixo de um carro. E’ assim que para satisfazer o fausto e o luxo do rico, os filhos do pobre morrem debaixo dos pés dos seus cavallos, e partidos pelas rodas dos seus carros. Todos os dias factos desta ordem vem enlutar o coração do verdadeiro patriota, mas nunca a policia tem procurado por termo a tão grande mal. Numa cidade (*a ortografia de Borges da Fonseca era muito parecida com a do Padre Feijó*) numa cidade como esta — citávamos — os carros e cavallos andam sempre a todo correr, e d’ahi vem tão melancolicos acontecimentos. Porque não se cumpre uma postura da camara municipal que prohibe correr a cavallo dentro da cidade? E’ por que ninguem faz cazo do povo, e pouco importa, que morra o filho de um homem pobre ou que morram todos elles”. No mesmo jornal, com data de 11 de maio de 1848, verifica-se que